FINANCIADO POR
Iceland Liechtenstein Norway grants

MALACATÁRIO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DO PROJETO MALACATE

N.º4 — OUT. NOV. DEZ. 2022

Pintura de Tamara Alves

© João Romãozinho

A MINA É UMA MARCA CULTURAL, A IDENTIDADE MINEIRA.

A Mina de São Domingos é a minha casa, é onde nasci, cresci e continuo a viver, a Mina faz parte daquilo que sou, a mina e o ser da mina é algo que não se explica, sente-se e penso que muitas pessoas se revêem nestas palavras.
A Mina de São Domingos não só diz respeito à população que se estabeleceu na Serra de Santo Domingo como imediatamente remete para a sua história, para o seu passado industrial, a sua razão de ser. A história da exploração de minério neste território remonta a tempos anteriores ainda à época romana que, em conjunto com o período moderno, constituem os momentos de maior atividade humana neste território.
A exploração da Mina de São Domingos durou até 1966 sob a concessão da Mason & Barry, tendo a empresa declarado falência oficialmente em 1968.
Em função das flutuações da atividade mineira e do posterior encerramento da mina, este território tem conhecido múltiplas transformações, algumas das quais levaram a que tenha vindo a assumir processos mais ou menos profundos de reinvenção e recriação, fazendo da Mina de São Domingos um lugar de resistência e resiliência.
Terra de enorme tradição cultural, de gente habituada a fruir cultura, parte da resiliência desta gente assenta no seu espírito de comunidade, muito fortalecido pelos momentos de sociabilidade e partilha coletiva que a cultura e as tradições culturais proporcionam.
Partindo destes pressupostos, a Junta de Freguesia lançou no anterior mandato o projeto "reavivar tradições" que além do objetivo da revitalização das tradições culturais, possibilita também o fortalecimento do espírito de comunidade e gera pela Cultura novas dinâmicas e focos de atratividade.
O projeto Malacate vem fortalecer este espírito de recriação e de experimentação de novas linguagens culturais, sem perder a ligação com a história e identidade do lugar. O projeto ajuda na construção de novas memórias coletivas e pode funcionar como uma alavanca cultural e projetar a Mina de São Domingos e a Freguesia para outro patamar, como em tempos a Mina também foi a grande alavanca económica e cultural deste Concelho. O projeto tem ainda a mais valia de envolver a comunidade nos processos de criação, e esta sua natureza colaborativa e comunitária possibilita uma maior proximidade e participação dos públicos.
A cultura é um elemento importante na nossa relação com o mundo e contribui para a criação da nossa identidade, faz parte daquilo que somos e esta contribuição é ainda mais vincada em territórios com as características da Mina e da Freguesia da Corte do Pinto. Somos produto das escolhas que fazemos e das experiências que vivemos, fomos uma população sofrida e explorada, isso está vincado nas nossas raízes, mas isso também nos deu uma maior resiliência e nos tornou mais fortes, com espírito crítico e reivindicativo, aliado a uma freguesia dinâmica em termos culturais, tornando este território num espaço de maior sensibilidade, de maior convergência de pensamentos que podem resultar numa efervescência de ideias, projetos culturais.

A Junta de Freguesia de Corte do Pinto acredita que o bem-estar da população passa também pela área da Cultura e tem desenvolvido um trabalho de proximidade na colaboração com este setor, seja pela atribuição de apoios ou pela colaboração com as entidades locais (associações, clubes, grupos de pessoas) com trabalho reconhecido nesta matéria, seja pela promoção direta ou em parceria, de diversas iniciativas de índole cultural.
A Cultura na sua dimensão de identidade e tradição, bem como na sua dimensão mais contemporânea das diferentes linguagens artísticas, é fundamental e pode funcionar como estratégia âncora no processo de revitalização e desenvolvimento sustentável destes territórios.
Projetos como o Malacate, promovido pela Companhia Cepa Torta com o apoio do Município de Mértola, são por tudo isto muito bem-vindos, e manifesto mais uma vez todo o apoio e colaboração da Junta de Freguesia da Corte do Pinto para ser um parceiro ativo na sua ligação com a comunidade.

RICARDO GODINHO
Presidente da Junta de Freguesia de Corte do Pinto

ENTROPIA

MARINA NABAIS E RICARDO MACHADO

Nós somos a Marina e o Ricardo, coreógrafos e bailarinos independentes. Estaremos a habitar a Mina de São Domingos entre 6 de setembro e 17 de dezembro a convite do projeto Malacate. Fazem parte da nossa equipa artística o Remi (músico e compositor), o Gonçalo (videasta e antropólogo) e a Cláudia (desenho de luz).
Iremos desenvolver uma criação artística multidisciplinar (dança, música, texto e vídeo) e participativa, com a vossa colaboração, que irá culminar num espetáculo.

ENTREVISTA A MARINA NABAIS E RICARDO MACHADO

Miguel Maia: Bem-vindos! A primeira coisa que queria perceber convosco era se vocês, antes deste projeto, já conheciam a Mina. E se já conheciam esta zona, ou pelo menos, que tipo de memórias é que tinham da zona antes de serem confrontados com a ideia de virem fazer este projeto.

Marina Nabais: Eu conheci a Mina há cerca de 14, 15 anos atrás, quando vim trabalhar em Mértola. Dava aulas em Mértola, de dança, e vim cá dar um passeio. Lembro-me do impacto que teve, que este era, de facto, um lugar muito fora de toda a realidade que eu já tinha visto até hoje e muito impressionante. Na verdade senti-me um bocadinho incomodada, desconfortável, acho que é essa a palavra, desconfortável, porque era um lugar que era belo mas ao mesmo tempo muito inóspito.

Ricardo Machado: Eu não conhecia a Mina de todo, só conhecia Mértola, mas de passagem, de férias, por isso não conhecia mesmo toda esta zona.

MM: Vocês já têm alguma experiência. Já tiveram alguma oportunidade de trabalhar em projetos deste género em que misturam aquilo que é o vosso métier, o vosso trabalho artístico, com a memória, com as pessoas de uma certa comunidade? Já tinham essa experiência, e se tinham querem falar-nos um pouco disso?

MN: Sim, já tive algumas experiências a este nível. Bom, falando de comunidade, gosto sempre de trabalhar com a comunidade nos meus processos artísticos. Em Lisboa normalmente formam-se pequenas comunidades espontâneas, de resto estive em Torres Vedras com a Associação Estufa em que trabalhámos um tema que era trazido por mim mas que depois era explorado pelos participantes locais. Também em Ourém, que já foi um projeto de maior envergadura, organizado pelo Teatrão e em que várias estruturas trabalharam ao longo de um tempo. Nós trabalhámos com a comunidade local de Ourém, fizemos um workshop (como estamos a fazer aqui) para ver quem é que queria participar, depois andámos a bater às portas e no final juntou-se um grupo de pessoas e trabalhámos mesmo site-specific [adaptado ao lugar] no castelo de Ourém e depois o desafio foi trazer este castelo de Ourém para Tábua, Viseu e Coimbra. Esses foram os dois projetos maiores que fiz, mas basicamente tenho trabalhado também muito a solo e em pequenas parcerias. Gosto sempre de em paralelo trabalhar com a comunidade também para traduzir este trabalho que normalmente é de muita investigação, muito metido para dentro, muito laboratório – e como é que tu traduzes isto para pessoas que eventualmente nem sequer nunca dançaram e não conhecem este universo? É uma boa maneira de nos colocarmos de dentro para fora e de fora para dentro.

RM: Eu já fiz vários projetos desta índole, muitos em co-criação, muito com a Madalena Vitorino – acho que fizemos já uns 10 ou 12 projetos desta envergadura. Trabalhei também com a Circolando em 2 ou 3 projetos que também têm essa direção de projeto comunitário – envolver a comunidade de uma certa zona. Há um projeto que eles fazem no Porto em que procuram uma zona normalmente mais abandonada, como Campanhã, a que a cidade presta menos atenção, e ver quem é que está nesse território, trabalhar com essas pessoas diretamente, fazer uma criação de igual para igual. Não é só chegar ao sítio e fazer uma coreografia ou um projeto de teatro ou um projeto multidisciplinar. Queremos dialogar, a criação é sempre feita em diálogo. Depois eu, pessoalmente, para além dessas co-criações também tenho alguns projetos, mas se calhar falo de dois. Falo desses dois porque um é de micro-escala (de um para um) e outro é a uma escala maior, que é o Nós de Voz, que eu fiz no Cercal do Alentejo – foi um convite da Madalena e do Giacomo (Lavrar o Mar) para dirigir um projeto com a comunidade local. Chegámos a ter 30 pessoas… aqui a questão é sempre que é muito difícil chegar a um local, ao sítio e não ir trabalhar com os grupos já pré-estabelecidos – é muito difícil desligarmo-nos disso. Mas quando conseguimos realmente trazer aquelas pessoas que estão interessadas, e que não vêm com o grupo, com a filarmónica ou com o coro, que vêm enquanto indivíduos, também é muito especial. E no Cercal do Alentejo com a filarmónica veio o Zito que me lembro que era um homem incrível e era uma pérola. Também tivemos a filarmónica, mas em vários momentos do espectáculo também tínhamos o Zito e isso é que torna a coisa mais especial.
E depois falava deste projeto que eu tive que é o Markulus, que é um trabalho que eu fiz com um cross dresser em Lisboa, que é um não profissional de todo. Era uma ideia de trabalhar com ele, sobre o percurso dele, de questionar a masculinidade e a construção da masculinidade através dele e das ferramentas dele e da forma como ele percepciona o mundo e a si próprio, pronto, que era uma coisa mais à micro-escala, pequenino, o que também me interessa. Acho que aqui [na Mina] também poderia ser interessante encontrar estas pessoas

© Sónia Godinho

específicas. Por exemplo, ontem estávamos a trabalhar, estávamos a dizer assim, "ok, a Tânia vem de Castro Verde, como é que a trazemos connosco?". Estávamos os quatro com a Adriana e estávamos a pensar, "olha ok, com quatro já… Já estamos os quatro!". E mesmo ontem quando fomos visitar o Fabião foi numa ideia já de construção de um próximo passo para a próxima semana, de fazer chegar assim a estas pessoas mais especiais, especiais no sentido de que não vêm como um grupo já estabelecido, pré-estabelecido, mas enquanto indivíduos.

MN: E no fundo também de criar comunidades que não são… O que é que é uma comunidade, o que é que é um colectivo? Às vezes tenho esta visão que é uma fortaleza em que ou nós estamos a tentar enfiar as nossas coisas ou eles também estão a dizer como são, o que tem todo o seu mérito, mas eu acho que o processo de criação é qual é o lugar do meio, e acho que isto que estamos a descobrir aqui é que não vale a pena pensar que vamos trazer um grupo coral inteiro mas sim esta pessoa que parecia mesmo que estava mais interessada e está a querer receber-nos e agora temos que descobrir como é que nós fazemos esta relação. Esta comunidade que é criada é efémera, para este projeto específico, mas levanta muitas questões de vários ângulos e todos nós temos de sair do nosso lugar de conforto. Pronto, eu não posso pressionar o meu botão de bailarina contemporânea, se calhar a pessoa do cante não é só chegar lá e cantar, mas é esta possibilidade de dizer "o que é que é este encontro?". De resto também está a acontecer comigo e com o Ricardo, nós nunca trabalhámos juntos…

MM: Pois, é uma estreia, para vocês, trabalharem em conjunto. Já há algum tempo que queriam fazê-lo, não é?

MN: Sim, de alguma maneira, sim. Pronto, se calhar nunca houve ocasião para nos chegarmos à frente para isso mas já era uma vontade e é muito interessante também o não saber e fazer uma co-direção é muito sobre este lugar de sair de si e observar o outro…
RM: E de aceitar, dar espaço ao outro também. É um exercício que às vezes é difícil entre nós, porque todos nós temos a nossa forma, os nossos processos, e depois é preciso escutar muito, estar atento.

MM: Daquilo que vocês já tiveram oportunidade de conhecer aqui, depois dessa impressão inicial de que falaram no início, há algum aspecto que queiram sublinhar da vossa vivência aqui na Mina? Há alguma coisa que vos tenha marcado mais nestes primeiros tempos de trabalho, alguma característica das pessoas ou do lugar?

MN: Eu tenho sensações muito diversas, já é a segunda semana e estou a tentar mesmo ficar cá para isto ser para lá do trabalho, o que é que é o dia-a-dia, o que é que é acordar de manhã e ir dar um passeio… É um bocado prematuro estar a dizer coisas porque parece que elas depois ficam inscritas e se calhar amanhã vai mudar completamente…

MM: Não, podia haver às vezes uma coisa que vos tivesse marcado muito e que vocês gostassem de…

MN: Há uma coisa com que fiquei super admirada: eu vejo muita gente e há sempre muita interação entre o que estamos a fazer, seja no ensaio seja a falar com pessoas, aqui não há aborrecimento nenhum, mas claro, tem a ver com o contexto em que estamos…

RM: E também numa altura específica, há aí mais gente…

MM: …porque estamos no final do verão. Depois vai haver menos gente por cá... Falem-nos agora da vossa ideia para o projeto - porquê Entropia? Pelo menos este é o nome provisório inicial - como é que surgiu esta vossa ideia da palavra entropia?

RM: Veio desta ideia de desperdício. Falámos numa perspectiva de desconhecimento do território, das pessoas. Mas quando falamos da Mina pensamos em extração, em exploração da terra, da natureza, e também desta energia que se dissipa e que não é aproveitada. Nesta ideia da Mina… parece que ainda está aí toda essa entropia, que ainda está aí toda essa tensão de possibilidades de explorar. Ou de explorar, numa ideia de continuidade do que se estava a fazer, ou numa ideia de regeneração da natureza, numa ideia de uma perspectiva turística… Há toda essa paleta de possibilidades. Parece que a tensão está aqui toda e é uma tomada de decisão que as pessoas têm de fazer por elas. Para nós, e para o nosso projeto, o que nos interessa é o lugar dessa tensão - mas para nos questionarmos sobre o que resta neste local, o que ficou… E deste resto, o que é que pode ser uma possibilidade de futuro, do próximo, do que vem a seguir. Pode ser uma ideia ficcionada, uma

coisa concreta ou um lugar abstrato. Mas importa-nos este lugar de tensão ou pós-tensão - andamos a questionar se é uma coisa que se vê em cena, esse lugar de energia elevada, ou se o que se vê é uma pós-tensão, uma coisa mais densa e menos concreta sobre excesso de energia. Então estamos neste lugar do que poderá ser para nós e do que resta. E da construção que fazemos com as pessoas a partir desse ponto.

MM: É interessante essa ideia, do que é que as pessoas esperam e desse potencial latente nesta entropia, ou nesta desorganização, nesta ideia de desperdício e de potencial. E tem a ver com a minha próxima pergunta: as pessoas aqui têm um passado muito marcante, que está muito nas pessoas, não é? Mesmo que não o tenham vivido diretamente, como no caso da exploração mineira, isso é um valor muito importante para elas. Vocês acham que um projeto artístico tem a possibilidade de, apesar disso, construir novas memórias? É isso possível, tendo em conta este passado tão forte, que de alguma forma define as pessoas que habitam na Mina? Quais são as principais dificuldades que antevêem na criação de novas memórias?

MN: Essa questão de passado e futuro é algo de que temos andado a falar. Pessoalmente penso que o futuro é só outra moeda do passado. Se nós estamos sempre a projectar só uma coisa ou outra falta-nos, exactamente, estar aqui, neste lugar. E acho que a entropia também é isso mesmo, é nós tentarmos sentir o que resta. Quem está cá? Quem somos nós? Para lá destes grupos que são formados, quais são estes indivíduos? No fundo, é tentar dar a todos nós ferramentas de pensamento sobre o que é a nossa existência agora e como é que as coisas se podem transformar. Porque senão vamos ficar aqui numa coisa que acho que é um padrão português: ou estamos no passado, ou sempre a projetar - esta coisa de ter sempre projeto, ou esta coisa de ir para o campo e fazer residências artísticas, e tal. E muitas vezes há um hiato de processamento do que está a acontecer aqui e agora. É esse o convite: tentar trazer essas ferramentas e ligar-se ao presente.

MM: É muito interessante essa perspetiva. Também tenho pensado imenso nesse tipo de coisas e essas perguntas são uma espécie de provocação que me ajudam a pensar... Para terminar pergunto-vos se querem deixar algum apelo, mas também explicar brevemente o que é que esperam de quem quiser vir ter convosco? Se as pessoas vêm aprender a dançar, ou se vêm conversar convosco. O que se espera?

RM: O que se espera é, primeiro que tudo, conhecermo-nos. É um encontro. Depois há várias camadas dentro desse encontro. Há a camada de conversar, de nos conhecermos. Há a camada de vir ver o que estamos a fazer. Há a camada de experimentar o que estamos a fazer. E dentro dessa também há várias camadas.

MM: E as pessoas podem vir só ver…

RM: Sim, podem vir só ver, tomar um cházinho, ver o que se passa e depois podem experimentar. Cada um terá os seus limites físicos, ou de ideias, ou de perspetivas. Trabalhamos sobre esses limites que todos nós temos e trabalhamos esse ponto de encontro entre o que nós pretendemos e o que estamos a fazer enquanto exercício e enquanto criação. E as pessoas podem estar dentro disso e acompanhar-nos na elaboração das ideias. E temos este lugar em que as pessoas podem estar connosco durante o processo todo e não estar obrigatoriamente na apresentação final. Há um espetáculo final, de 3 dias, a 15, 16 e 17 de dezembro. E podem estar connosco no processo e não estar "em palco". Temos uma pessoa do vídeo connosco, que é o Gonçalo, e podem estar no vídeo. Temos o Remi, que está no som, e podem estar na voz, na música…

MM: E vão estar no Musical. Normalmente estarão a trabalhar lá nos próximos tempos, até à altura do espetáculo. Portanto as pessoas estão convidadas a aparecerem sempre que quiserem.

MN: Sim, claro.

RM: Sempre. Nós temos sessões abertas específicas para concentrar o público, mas podem sempre passar lá durante o dia, para não estarmos lá sozinhos.

MN: Às vezes é simpático se as pessoas puderem avisar antes, para podermos preparar as sessões consoante as pessoas que vêm.

MM: Muito obrigado e muita força para o projeto.

ENSAIOS ABERTOS À COMUNIDADE

Mina de São Domingos, Musical
Entre 21 de setembro
e 17 de dezembro*
Quartas-feiras e Quintas-feiras das 18:30 às 20:30, Sábados das 10:00 às 13:00
Entrada Livre

** à exceção dos dias 5, 6 e 8 de Outubro e 16, 17 e 19 de novembro*

ENSAIO ABERTO

Ponto de encontro no
Musical, Mina de São Domingos
27 de outubro, às 21h

APRESENTAÇÕES DO ESPETÁCULO ENTROPIA

Mina de São Domingos, Cineteatro
15, 16 e 17 de dezembro

WORKSHOP UTÓPICO 2

IMAGINAR O FUTURO DESENHANDO E PINTANDO SOBRE MATERIAIS TRANSPARENTES

WORKSHOP UTÓPICO 2
com Daniela Reis

Mina de São Domingos,
Ruínas das Oficinas

8 de outubro, às 10h
Entrada livre

Convidámos a pintora Daniela Reis para a edição 2 dos Workshops Utópicos. Com o desafio de tentar promover ligações entre a mina e o exterior, entre o escondido e o revelado, esta próxima visitante está a preparar aquele que é já um momento muito antecipado: uma manhã bem passada com quem quiser juntar-se a imaginar novos futuros. Propõe-se com esta atividade plástica criar um registo material assente na imaterialidade da memória, do desejo, da abstração e da evocação de realidades distantes. Produzir um objecto artístico que regista um desejo de Futuro, uma fuga à melancolia através do "fazer obra". Assim, partindo de textos de vários autores (António Tabucchi, Italo Calvino, Elis Regina, Clarice Lispector...) e de exemplos visuais (Hundertwasser, Anselm Kiefer, Olafur Eliasson, Swoon...) será proposta a construção de uma paisagem idealizada.
Uma paisagem feita de interiores que se irá sobrepor e abraçar o cenário oferecido pela Mina de São Domingos.

A partilha com os participantes assentará em técnicas de pintura e desenho, tomando como base fotografias e a paisagem do edificado mineiro, criando, através do esboço e registo rápidos, paisagens alternativas e reveladoras da imaginação de cada um.
Far-se-ão desenhos sobre vidro, acrílico e papel, e participantes de todas as idades são bem-vindos.

© Bruno Martins

DANIELA REIS *é Pintora e colabora artística e pedagogicamente com companhias de Teatro e Dança e com instituições ligadas à saúde mental e ao ensino.*
A sua pintura é figurativa e desenrola-se questionando e criando um espaço social e emocional.
É Mestre e Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa, participou em diversas exposições colectivas e individuais em Portugal, Índia e Marrocos, com o apoio do Instituto Camões e da Embaixada Portuguesa.
Em 2021 apresenta a exposição individual "O Silêncio e a Multidão", em Lisboa, é seleccionada para a Exposição "Prémio Internacional de Artes Plásticas da Cidade da Guarda" e para a "Bienal Internacional de Arte de Espinho". Colabora com o colectivo de poesia experimental wr3ad1ng d1g1t5, apresentando-se na Electronic Literature Organization's Conference and Festival, na Universidade de Bergen. Ainda em 2021 publicou um Livro de Autor intitulado "O Silêncio e a Multidão", expõe no India International Center e a sua obra "Os índios da Meia Praia" é capa do livro de Stênio Gardel, "A Palavra que Resta", editado pela Companhia das Letras, no Brasil.

I WAS HERE, I'LL BE HERE

NOVOS MURAIS DE PØBEL E TAMARA ALVES NA MINA DE SÃO DOMINGOS

No passado mês de junho, a Mina recebeu a visita de dois grandes artistas, que acabaram por conquistar grande parte da população, com a pintura de dois grandes murais a caminho da praia da Tapada Grande.

Pøbel e Tamara Alves têm um trabalho reconhecido internacionalmente. Pøbel é um dos maiores artistas noruegueses de Street Art (arte feita em espaço público) e tem participado e dirigido vários projetos com comunidades, do qual se destaca o KOMAFEST, desenvolvido numa das povoações mais a norte da Noruega, abandonada pelo fim da indústria que trazia o sustento à população. Aqui entre cerros e searas, inspirado pela história mineira mas com os olhos postos no futuro, Pøbel relembra-nos que a memória da vida mineira ainda vive nos corpos dos moradores, até nos mais novos. Como não podia deixar de ser, trouxe-nos marcas da Noruega e de Røros, vila mineira e cheia de magia que visitámos em março. Daí surgem a lanterna de capacete, resgatada do museu de Røros e o rattus norvegicus, que significa rato-norueguês.

© Pobel

© Sónia Godinho

Tamara Alves, cada vez mais reconhecida em Portugal e para lá da fronteira, tem centrado o seu trabalho na figura feminina e no mundo natural. Durante a sua estadia, foram vários os que reconheceram os seus traços de outras obras. Uma das últimas, no Barreiro, foi bastante mencionada por alguns moradores da Mina. Aqui, no mural que se chama Lost Flora (Flora Perdida) focou-se na resistência da Natureza e das mulheres como um caminho vigoroso para o futuro. Diz-nos Tamara que teve a intenção de «homenagear a natureza, a sua preservação, a mãe, mulher e um futuro sustentável e consciente». Leva-nos para um novo ponto de vista, um passo à frente, saltando da perda e da saudade de um passado, para sabermos que «aqui encontramo-nos do outro lado, a olhar o que nos é permitido preservar. Do outro lado da Mina, o futuro desta».

A estadia não foi fácil para todos. Apesar dos banhos frescos nas tapadas,

Pøbel, habituado a temperaturas nórdicas, raramente se sentia confortável no sol seco e cortante desta região. Tamara aproveitou as manhãs para passear e conhecer o que envolve a Mina. Para um artista que chega a um lugar, e que será sempre alguém que vem de fora (como todos nós no MALACATE) é importante respirar este novo território. Viver o lugar, conhecer as pessoas, passar horas de convívio nos cafés e sociedades, participar das atividades que vão acontecendo, conversar com os habitantes e ouvir o cantar dos pássaros, que é sempre diferente.

Para se darem a conhecer, organizámos uma Oficina de Street Art, onde fizemos vários exercícios de desenho, muito descontraídos e cheios de risos (é que nem todos desenhamos bem!) e onde aprendemos a técnica de Stencil. No Stencil, recortamos de uma folha de papel as partes que queremos desenhar numa parede. Fica a folha toda esburacada, com as linhas do desenho. Depois, no caso da imagem precisar de várias folhas, faz-se uma esquadria na parede, encosta-se a folha no sítio certo e pinta-se por cima com uma lata de tinta de spray. Retira-se a folha de papel e fica pintado apenas onde a folha estava cortada. Foi assim que pintámos em conjunto o lince que se encontra no prédio dos Correios. Na inauguração dos murais, umas semanas depois, reunimo-nos para ouvir falar os artistas, para ver as obras e provar os maravilhosos petiscos do João Romãozinho. Deixaram-nos incrivelmente felizes os comentários da população e dos visitantes. É para isso que trabalhamos todos os dias. Avançamos para os próximos projetos, felizes com o resultado e com pena de não podermos criar mais murais nas centenas de outras telas brancas erguidas pela Mina.

A CÉU ABERTO

A CÉU ABERTO, PASSEIOS GUIADOS NA MINA

Partida no Cineteatro da Mina de São Domingos

22 e 23 de outubro, às 10h
Entrada livre

Passeios na Mina

Durante os meses quentes de verão e com a tão apetecida entrada em período de férias, o MALACATE manteve-se ativo para locais e visitantes. Com a inauguração dos murais dos artistas Tamara Alves e Pøbel fechou-se um primeiro ciclo de trabalho deste projeto, na área das artes plásticas. Iniciou-se então um ciclo de passeios guiados com dois grupos de atração: por um lado o incontornável património histórico e por outro o novo património que se vai criando, deixado recentemente pelos artistas e pessoas locais que contribuíram para o criar. Para liderar esses passeios convidámos artistas que pudessem fazer uma visita alternativa ao que é habitual num passeio guiado, e ainda residentes da Mina, partilhando as suas próprias visões sobre esta comunidade e os diferentes pontos de interesse.

O primeiro fim-de-semana de passeios deu-se a 2 e 3 de junho e contou com o Manuel Passinhas, que liderou a comitiva, junto com o Nuno Martins. Em cada dia o roteiro foi diferente - visitou-se a instalação O Ninho, na entrada da Mina, o Cine Teatro, o Jardim dos Ingleses, o complexo mineiro e os murais. Muitas foram as histórias partilhadas, muitas memórias pessoais: os jogos de futebol, os bares onde o convívio às vezes dava lugar a discussões sobre tudo e sobre nada. Para além de partilhar com os participantes o seu olhar sobre as novas obras e projetos que vão sendo criados na localidade, Manuel Passinhas revelou também algumas curiosidades, mais técnicas, relativamente aos vestígios da exploração mineira feita pelos romanos e de como as escórias resultantes desse período são diferentes das produzidas na mineração da era moderna.

A 16 e 17 de julho realizou-se o segundo conjunto de passeios que contou como guias com os coreógrafos Marina Nabais e Ricardo Machado, ambos artistas convidados para a componente de dança do projeto MALACATE. Bem cedo nestes dois dias, um grupo de pessoas viajou por diferentes pontos da Mina e teve a oportunidade de perceber de que forma o que nos envolve impacta um processo criativo. Quando olhamos em redor e vemos a tapada, uma ruína, a paisagem, de que forma surgem na nossa cabeça ideias para um espetáculo? Onde instalamos o palco, onde colocamos os intérpretes, que histórias usamos? Através de uma viagem por vezes silenciosa nos caminhos entre a tapada grande e as filas de casas, os artistas tornaram este um passeio-sonho, como se todos os participantes fizessem parte de uma criação. Com música de fundo tivemos oportunidade de imaginar em conjunto uma cena com bailarinos imaginários que se passava num monte com uma ruína, assistindo depois a uma pequena improvisação de movimento junto a uma das casas. No final todo o grupo teve oportunidade de exercitar um pouco o seu próprio corpo, num breve conjunto de exercícios que teve lugar no Musical.

© Sónia Godinho

A 22 e 23 de outubro, teremos outra edição dos passeios guiados - A Céu Aberto - desta vez com Paula Varanda, artista e professora, que trabalha na área da dança e da performance e escrita. Está ainda previsto para março de 2023 a realização de outro passeio guiado com o conhecido artista da região, Daniel Cardeira.

Paula Varanda é doutorada em estudos artísticos e humanidades pela Middlesex University de Londres e tem a licenciatura pela Escola Superior de Dança em Lisboa. Coordenou vários projetos artísticos, leccionou em diversas instituições e tem obra publicada, nomeadamente no campo da dança e da educação e da dança e novas tecnologias. Nesse âmbito destaca a colaboração com o Jornal Público a partir da qual publicou 70 críticas de dança (Caleidoscópio 2020) e o seu livro Dançar é Crescer – Aldara Bizarro e o Projeto Respira (Caleidoscópio 2012). Em 2008, criou o projecto Dansul – dança para a comunidade no sudeste alentejano – sedeado em Mértola e realizado em parceria com quatro autarquias, escolas e outras entidades locais, assumindo a direção artística até Dezembro 2015 com a assinatura de criações para a comunidade e a programação do festival dansul. Neste âmbito publicou o livro As Andanças da Tília Pastora (100Luz, 2015), com o qual fez inúmeras oficinas com centros educativos no distrito de Beja. Foi Directora-Geral das Artes no Ministério da Cultura entre 2016 e 2018. Desde 2019 é investigadora integrada do Instituto de História da Arte em Lisboa (IHA_FCSH/Universidade Nova de Lisboa) e desde 2020 professora convidada no Mestrado em Artes Cénicas da mesma universidade. Trabalha na direção pedagógica do Colégio Cesário Verde em Lisboa desde 2019.

ZORRAS

NOTÍCIAS BREVES

© Leonor Carpinteiro

VISITÁMOS O MUSEU DO FABIÃO, EM CORTE DO PINTO

No dia 15 de setembro, a equipa Malacate foi recebida pelo José Coelho Fabião, no seu conhecido museu em Corte do Pinto. Desde há cerca de 30 anos que Fabião recolhe objetos que nos ajudam a preservar a memória de outros tempos. Uma foice canhota, brinquedos antigos, serviços de cozinha, várias peças de alfaias agrícolas, cochos de diferentes tamanhos, entre muitos outros objetos, compõem o vasto acervo deste maravilhoso museu.

© Miguel Maia

© Miguel Maia

© Filipe Abreu

TAPADA GRANDE É A MELHOR!

O World Travel Awards nomeou a praia fluvial da Tapada Grande como melhor destino europeu na categoria Praias Interiores. Para as gentes da Mina este reconhecimento é mais que merecido - há muito que esta praia, com bandeira azul, nadador salvador, apoio de praia e vistas deslumbrantes é um sítio de banhos que nos salvam do calor abrasador e permite passeios relaxantes nas margens da barragem.

NOVAS PLACAS IDENTIFICAM OBRAS DE ARTE NA MINA

Foram instaladas em setembro, com a ajuda do Paulo Romba, placas informativas junto às obras artísticas da Lise Wulff, O Ninho, na entrada oeste da Mina, e o projeto Visões, da Sónia Godinho, na zona das oficinas. Fica agora mais claro para quem nos visita a origem destas intervenções. A breve trecho será também colocada sinalética informativa junto dos murais realizados pela Tamara Alves e pelo Pøbel, artistas que nos visitaram em Junho.

© Mana Kaasik

QUEM É A LEONOR CARPINTEIRO?

Para dar apoio aos trabalhos do MALACATE e em particular ao projeto Entropia, dos coreógrafos Marina Nabais e Ricardo Machado, recebemos neste último trimestre a Leonor Carpinteiro.
Natural da Amadora e com formação base em Estudos Artísticos - Artes do Espectáculo, a Leonor tem vindo a trabalhar em projetos culturais (teatro, dança e cinema) desde 2011, nas áreas da produção, comunicação e programação. Foi produtora executiva na Associação PédeXumbo, onde integrou projectos artísticos comunitários e participativos, assim como projectos de investigação com base etnográfica. Desde essa altura passou a sentir-se (ainda mais) em casa no Alentejo, tendo tido o privilégio de conhecer e habitar os concelhos de Évora, Odemira, Castro Verde e Castelo de Vide. Quando não está a trabalhar, gosta de fazer caminhadas e piqueniques! Poderão certamente encontrá-la a fotografar as ruínas da Mina com a sua máquina analógica ou a aproveitar os últimos dias de verão (e os primeiros de outono) na praia fluvial.

FICHA TÉCNICA

O Malacatário é o jornal trimestral do projeto Malacate com notícias sobre as atividades que são desenvolvidas no terreno.

DIREÇÃO:
FILIPE ABREU
MIGUEL MAIA

TEXTOS:
FILIPE ABREU
LEONOR CARPINTEIRO
MIGUEL MAIA

PRODUÇÃO:
LEONOR CARPINTEIRO

DESIGN E PAGINAÇÃO:
JOÃO VASCO

GESTÃO DE PROJETO:
BRUNO COSTA
DANIEL VILAR

Para mais informação, fiquem atentos aos próximos volumes do Malacatário, consultem o nosso website, ou sigam-nos nas redes sociais.

ONDE ESTAMOS:
Casa do Mineiro - Rua de Santa Isabel, nº 30, 7750-146 Mina de São Domingos, Mértola

E-MAIL:
producao.malacate@cepatorta.org

TELEFONE:
00351 924 744 056

INSTAGRAM
@projeto_malacate

FACEBOOK
@projetomalacate

www.malacate.pt

Através do Acordo sobre o Espaço Económico Europeu (EEE), a Islândia, o Liechtenstein e a Noruega são parceiros no mercado interno com os Estados-Membros da União Europeia.

Como forma de promover um contínuo e equilibrado reforço das relações económicas e comerciais, as partes do Acordo do EEE estabeleceram um Mecanismo Financeiro plurianual, conhecido como EEA Grants.

Os EEA Grants têm como objetivos reduzir as disparidades sociais e económicas na Europa e reforçar as relações bilaterais entre estes três países e os países beneficiários.

Para o período 2014-2021, foi acordada uma contribuição total de 2,8 mil milhões de euros para 15 países beneficiários. Portugal beneficiará de uma verba de 102,7 milhões de euros.

Saiba mais em www.eeagrants.gov.pt

FINANCIADO POR

Iceland Liechtenstein Norway grants

OPERADOR DO PROGRAMA

PATRIMONIO CULTURAL

REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA

PARCEIRO DO PROGRAMA

dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

PROMOTOR DO PROJETO

CEPA TORTA

PARCEIRO FINANCIADOR

MÉRTOLA CÂMARA MUNICIPAL

OUTROS PARCEIROS

RØROS KOMMUNE

LISE WULFF

COLABORADORES

Fundação Serrão Martins

ALSUD ESCOLA PROFISSIONAL

USM

AEVG

DE BOCA EM BOCA histórias a nutrir comunidades Mértola

a COZINHA da avó

ACK

Mértola